

Componente Científica

«O herói-pícaro em *Don Quijote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes, e na *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto»

1.1. Justificação do tema

O estudo de obras para leitura orientada está cada vez mais presente nos programas da disciplina de Língua Portuguesa, ao contrário do que acontece com as disciplinas de língua não materna, e no caso que melhor conheço, da Língua Espanhola. O programa desta língua não possui, até ao nono ano no nível de continuação, nenhuma proposta de leitura extensiva, pelo que, penso ser fundamental para melhorar o processo de Ensino-aprendizagem.

Como sabemos, a leitura é fundamental em todo o processo de aquisição de novos saberes, é importantíssima para o desenvolvimento de competências básicas na aprendizagem das línguas, sejam elas a língua materna ou a língua não materna. Nesta linha de pensamento, justifica-se a escolha do tema «O herói_pícaro em *Don Quijote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes, e na *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto», numa perspectiva de incluir no ensino estas duas obras de grande renome para a literatura portuguesa e para a literatura espanhola. Evidentemente que não se propõe uma leitura extensiva no nono ano do Ensino Básico de grande envergadura, mas como complemento ao estudo de alguns conteúdos e competências que o próprio programa inclui nas referidas disciplinas (Língua Portuguesa e Língua Espanhola).

Geralmente os textos literários não são tidos em conta nos currículos elaborados para o ensino das línguas estrangeiras. No entanto, nos últimos anos já se vem invertendo essa tendência. É necessário e fundamental elaborar actividades que incentivem essa tendência e que aproximem o aluno dos textos e dos aspectos culturais, linguísticos e literários que só a grande literatura pode proporcionar.

No que diz respeito às obras mencionadas, elas não constam dos programas que regulam o ensino da língua, seja ela portuguesa ou espanhola, pelo que as propostas que se seguem me parecem importantes, inovadoras e muito interessantes. Uma das razões pela qual o tema deste trabalho foi escolhido, deve-se também ao facto de o herói pícaro, o herói que “não é bem um herói”, apresentar excelentes possibilidades de captar o interesse por parte dos alunos. Talvez por este herói ser um pouco mais próximo dos alunos, estes revejam nele um pouco do cómico e do diferente do que gostam e tanto apreciam.

Estas propostas podem ainda construir excelentes componentes didácticos, já que são incluídas numa perspectiva interdisciplinar e de complemento ao estudo de *Os Lusíadas*, de Camões. “A interdisciplinaridade advém do facto de o romance não ser um

texto meramente linguístico, embora use o código linguístico (Reis 1981:116-117)¹. Pretende-se, portanto, que estas propostas didáticas sejam direccionadas para alunos do nono ano, concluindo o estudo da obra de Camões. Interessa-me que haja um alargamento da concepção do herói, ou seja, que os alunos consigam depreender que existem diferentes tipos de heróis, e que protagonistas de *Don Quijote de la Mancha* e da *Peregrinação*, são bem diferentes do herói clássico presente n' *Os Lusíadas*.

Estas propostas incidem sobre umas das categorias do texto narrativo, a personagem, sem no entanto descurar as restantes estâncias da narração. A caracterização do herói, a forma como interage com as outras personagens, as soluções para os diversos conflitos que enfrenta serão, pois aspectos importantes a analisar na abordagem das duas obras.

Tal como nos diz Carlos Reis, a personagem é uma “categoria fundamental da narrativa, a personagem evidencia a sua relevância em relatos de diversa inserção sociocultural e de variados suportes expressivos”². Assim, as personagens que vão ser abordadas neste trabalho comprovam que todo o aspecto sociocultural está nelas intrínseco, ou seja, têm características de uma sociedade que corresponde àquela em que se movem.

De facto, na construção da personagem “o autor leva o leitor a aceitar, a rejeitar ou a identificar-se com a personagem, efeito favorecido pelo facto de que «o inconsciente é linguagem», segundo a fórmula de Lacan (2001:866), e é traduzível em linguagem, por meio de figuras como a elipse e a metáfora. Não podemos ignorar a carga emotiva transmitida por certas personagens, facto também pertinente na análise do fenómeno romanesco”³.

Em suma, numa linha de novas propostas didáticas a incluir no currículo das línguas em questão, devem os professores unir-se de uma forma interdisciplinar para a realização de competências essenciais. Assim, as propostas presentes neste trabalho e reflexão, terão de ser entendidas numa perspectiva de trabalho mútuo nas duas disciplinas, Língua Portuguesa e Língua Espanhola, constituindo assim uma grande motivação para os elementos intervenientes.

¹ Cristina da Costa Vieira, *A Construção da Personagem Romanesca*, Lisboa, Edições Colibri, 2008.

² Carlos Reis, *Dicionário de Narratologia*, Coimbra, Almedina, 2002, p. 314.

³ Cristina da Costa Vieira, op. cit., p. 32.

1.2. Observações acerca dos autores e das obras escolhidas

Tanto Miguel de Cervantes como Fernão Mendes Pinto são dois autores de grande nome na Literatura Portuguesa e na Literatura Espanhola. Assim, é imprescindível mencionar alguns aspectos em relação às suas vidas e obras.

Miguel de Cervantes, era filho de Rodrigo de Cervantes e de Leonor de Cortinas, uma família pobre, e foi baptizado na paróquia de Santa María la Mayor de Alcalá de Henares, no dia 9 de Outubro de 1547. Nasceu no dia 29 de Setembro desse mesmo ano. Teve mais sete irmãos.

“Nada se sabe ao certo sobre os primeiros estudos de Cervantes, que, desde logo, não chegaram a ser universitários”⁴. Provavelmente frequentou as primeiras letras em Valladolid, em Córdoba ou em Sevilha. No romance *El coloquio de los perros* Cervantes faz uma descrição de um colégio de jesuítas que parece uma evocação dos seus anos estudantis.

Cervantes foi soldado em Itália, conhecendo assim Roma, Ancona, Ferrara, Veneza, Génova e Nápoles. “Partiu de Messina na armada que Às ordens do irmão de Filipe II, D. João de Áustria, se dirigiu ao encontro da formidável frota turca que ameaçava a Europa, e combateu na batalha de Lepanto (5 de Outubro de 1571)”⁵. Foi nessa batalha que saiu ferido na mão esquerda e assim ficar conhecido de “El manco de Lepanto”.

Cervantes faleceu no dia 22 de Abril de 1616. Deixou-nos grandes obras entre as quais se destacam: *La Galatea* (1585); *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha* (1605); *Novelas ejemplares* (1613); *El Ingenioso Caballero Don Quijote de la Mancha* (1615); *Los trabajos de Persiles y Sigismunda* (1617).

Don Quijote de la Mancha teve a sua primeira licença para ser publicado em 26 de Setembro de 1604. Houve um grande êxito. Só em 1605 se imprimiram sete edições, das quais três não tiveram o seu consentimento. A primeira tradução portuguesa de *Don Quijote* foi feita em 1974 e foi impressa na tipografia Rolandiana.

Em relação a Fernão Mendes Pinto não se sabe ao certo quando nasceu, mas terá sido entre 1509/1510 e faleceu a 8 de Julho de 1583. A primeira edição de *Peregrinação* só surgiu em 1614. Foi contemporâneo do auge do período da expansão marítima portuguesa.

⁴ Martín de Riquer, *Cervantes y el «Quijote»*, Edición del IV Centenario, Real academia Española, 2005, p. 45, tradução minha.

⁵ *Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira*, vol.6, s.v. «Cervantes Saavedra».

A sua vida resumir-se em três fases. Na primeira narra-se o primeiro capítulo de *Peregrinação*, “compreende a sua infância, adolescência e juventude, vividas em Portugal, com os pais, em Montemor, Lisboa e Santiago do Cacém”⁶. Em 1526 entra ao serviço de uma dama nobre. Não sabendo muito bem o porquê, um ano e meio depois foge dessa casa. Aqui inicia a sua vida de aventuras. “Embarca para Setúbal, numa nau que é assaltada por corsários franceses, tendo ficado com toda a tripulação «nus e descalços» na praia de Melides. É recolhido e tratado por uma senhora nobre de Santiago do Cacém, que lhe arranja trabalho em casa de Francisco de Faria, a quem serve por quatro anos”⁷.

Na segunda fase da sua vida, Fernão Mendes Pinto viaja à procura de fortuna, entre 1537 e 1558, pelos mares da Arábia, da Etiópia, Índia, Samatra e Japão.

A sua vinda da Índia, em 1558, marca a terceira fase da sua vida. Casou-se com D. Maria Correia Brito, foi viver para a quinta do Pragal onde teve duas filhas a quem dedica a sua obra *Peregrinação*. Sendo a *Peregrinação* uma referência autobiográfica do autor, o que se sabe sobre a sua vida é visto nela.

Peregrinação foi publicada trinta anos após a morte do autor. Nela apresenta um “espectáculo de miséria humana, com informações de conjunto sobre o Oriente – Sião, China e Japão”⁸. Nesta obra, o herói, ou melhor, anti-herói que vai ser estudado é António de Faria, “o homem que tem mais medo do que coragem”⁹. É “no fundo (...) um conjunto de memórias autobiográficas (...) tornando-se bastante difícil distinguir nesta obra o que é produto da *imaginação* daquilo que é pura história”¹⁰.

Refere Fernão Mendes Pinto no capítulo primeiro da sua obra que fez: **«esta rude e tosca escritura, que por herança deixo a meus filhos (porque só para eles é minha tenção escrevê-la), para que eles vejam nela estes meus trabalhos e perigos da vida que passei no discurso de vinte e um anos [...]; e daqui, por uma parte, tomem os homens motivo de se não desanimarem c'os trabalhos da vida, [...] e, por**

⁶ Fernão Mendes Pinto. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003, disponível em: <http://ww1.rtp.pt/icmblogs/rtp/grandeslivros/?k=Fernao-Mendes-Pinto.rtp&post=9357>

⁷ Ibidem.

⁸ Lélia Parreira Duarte, *Os Lusíadas, de Camões, e a Peregrinação de Fernão Mendes Pinto: diferentes perspectivas das portuguesas viagens?*, Revista Veredas nº3, disponível em: <http://lusitanistasail.net//duarte01.htm>

⁹ António José Barreiros, *História da Literatura Portuguesa*, vol. 1 – Séc. XII – XVIII, Bezerra Editora, 1997, p. 428.

¹⁰ Ibidem, p. 423.

outra, me ajudem a dar graças ao Senhor Omnipotente, por usar comigo de sua infinita misericórdia».

É ainda na *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, que “encontramos ao lado da negação da cavaleiresca, a afirmação de uma outra concepção de vida, concepção amplamente universaliza, que suprime fronteiras religiosas e civilizacionais e que procura atingir um fundo comum de humanidade. E o sarcasmo da *Peregrinação* recai apenas sobre aquilo que divide os homens: sobre um preconceito de honra que justifica barbaridades, e sobre um conceito particularista de religião que pretenda fazer de Deus um protector de bandos de piratas e de traficantes”¹¹. Assim, é nesta medida que o herói em *Peregrinação*, não é o herói que identificamos como herói clássico, mas sim um anti-herói ou um herói pícaro, já que age de forma inversa ao que é suposto: chora, tem ataques de medo, para salvar a sua vida é capaz de fugir, de se deitar no chão sujando-se, calunia amigos, beija os pés do assassino, ou seja, apresenta-se como um retrato satírico de herói. .

Já Miguel de Cervantes, em *Don Quijote de la Mancha*, colocou na personagem principal a figura de um cavaleiro fidalgo castelhano, que endoidecido pela leitura constante de romances de cavalarias, resolvendo imitar os heróis dos mesmos. Este herói desloca-se com o seu fiel amigo Sancho Panza, que também contribui para a sua loucura, tendo no entanto uma versão mais realista do mundo. Na obra estão incutidas grandes cenas de aventuras, por vezes descabidas e desmedidas da realidade, o que leva ao sorriso instantâneo do leitor, que é precisamente atraído para a obra devido a esse facto, o do cómico.

Tal como nos diz J.M. Prado Antúnez, *Don Quijote* “é a literatura mais influente de todas as épocas. [...] A história mais atraente da literatura é do mais simples que possa existir: um homem, numa manhã, acredita que tem uma missão divina ao confundir efeito e causa, ao confundir a divindade com os cavaleiros andantes que acreditavam estar incluídos dessa missão divina. É acompanhado por um amigo que não acredita em missões divinas mas sim nas ilhas que se governam sozinhas, levadas pela mão divina”¹². Ambos seguem em aventuras e desventuras.

Em suma, esta apresentação do herói pícaro aos alunos do 9º ano, aplicá-la-ia em Língua Portuguesa para concluir o estudo da obra-prima de Camões. No que respeita à Língua Espanhola, seria uma excelente introdução à literatura espanhola, incrustando-a

¹¹ Prefácio de António José Saraiva à *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, Lisboa, Sá da Costa, 1961.

¹² J.M. Prado Antúnez, *El Quijote del IV Centenario*, Salamanca, Celya, 2005, p. 10.

num programa que, na minha opinião, é muito pobre em termos culturais e literários. Acredito que na aprendizagem de uma língua, não é fundamental a simples aprendizagem da gramática e a aquisição de capacidades de escrita, de verbalização e de leitura. É importantíssimo é conhecer lugares, sociedades, características, mitos e lendas, que estão presentes nos textos, nomeadamente os literários dessa mesma língua.

1.3. Considerações acerca do herói pícaro e traços mais relevantes dos heróis: D. Quijote e António de Faria

Para a percepção mais concreta do que se pretende realmente fazer chegar aos alunos, terá que indicar-se-lhes o conceito de Herói. É de todo pertinente que se apresentem documentos e artigos mais relevantes e fidedignos. Como nos diz Carlos Reis: “a narrativa desenvolve-se em função de uma figura central, protagonista qualificado que por essa condição se destaca das restantes figuras que povoam a história”¹³. Assim, é de fácil percepção, nomeadamente nas obras eleitas para este trabalho, quem é o herói, a personagem que é um protagonista que se destaca por razões óbvias. é através do da posição no espaço e no tempo, e intervenção no acção que descobrimos esse mundo heróico em que o herói, passo a redundância, se move.

É com a chegada do Renascimento e com o Romantismo que a figura dos heróis se enaltece e se elogia. No Renascimento o herói, agora clássico devido ao legado da Antiguidade Clássica, luta contra deuses, contra elementos, evidenciando a capacidade de afirmação do Homem. Já no Romantismo “encontramos o herói num cenário axiológico e histórico-social sensivelmente diverso”¹⁴.

Para os gregos, o herói mediava-se entre os deuses e os homens tendo assim uma dimensão semi-divina.

Encontramos o herói clássico quando deambulamos na leitura de *Os Lusíadas*, quando observamos Vasco da Gama nos seus feitos heróicos. Por outro lado temos o herói, denominado de anti-herói que segundo o dicionário de termos literários: “que apresenta características opostas às do herói do teatro clássico ou da poesia épica”¹⁵.

Dostoievski começou por utilizar a expressão “anti-herói” em *Memórias do Subsolo*.

Não se define assim de anti-herói só a personagem que tem imensos defeitos ou comete delitos e crimes, mas sim aquela que possui um carácter débil e indiferente, ou seja, assemelha-se a muita gente. As falhas de um anti-herói, ou de um herói pícaro, são mais visíveis do que as suas qualidades heróicas. É nas obras *Don Quijote de la Mancha* e em *Peregrinação*, que os heróis pícaros de cada uma se manifestam como heróis que,

¹³ Carlos Reis, op. cit., p. 193.

¹⁴ Ibidem. p.193.

¹⁵ Massaud Moisés, Dicionário de termos literários, Cultrix, São Paulo, 1974 p. 28.

no caso de Don Quijote, se motivava pelas suas próprias loucuras ao pensar que era um cavaleiro e procurava sempre confusões com pessoas do povo para conseguir alimentar essa loucura. Também na *Peregrinação* encontramos a figura do “herói” a violar túmulos sagrados dos Reis da China, a roubar, a assaltar e a fazer pessoas seus escravos, a afundar barcos indefesos, a incendiar povoações, saquear templos, entre outros.

Enquanto que o herói clássico amplifica as suas acções em actos que depreendem alguma força sobre-humana, o herói pícaro rebaixa-as ou minimiza-as. “Dois são os processos empregados pelos ficcionistas para lhe acentuar o papel no interior da sociedade moderna: a sondagem irónica e parodista da classe média (...) ou a denúncia de situações sócio-económicas que acabam reduzindo o ser humano à condição da pária”¹⁶. O herói clássico é ainda possuidor de características nobres: ideia de liberdade, sacrifício, coragem, moral, justiça, movido sempre por motivações moralmente justas.

No caso dos heróis estudados, estes demonstram virtudes heróicas para realizar façanhas de ordem egoísta (vaidade, ganância, orgulho, entre outros) que é o caso do corsário António de Faria. Este herói apesar das pilhagens, raptos e assassínios ainda demonstra vários sentimentos dignos de um herói clássico, como por exemplo fé, misericórdia e piedade.

Em *Don Quijote de la Mancha*, Cervantes soube utilizar as características necessárias a um grande cavaleiro, pois lembrou as façanhas dos verdadeiros heróis, em combater com coragem, em “mostrar valentia em combate e não recuar perante os desafios; salvar donzelas em perigo”¹⁷. Utilizou ainda o elmo e escudo, cavalo e escudeiro no reconhecimento das regras da Ordem de Cavalaria.

Em suma, penso que estes heróis de *Don Quijote de la Mancha* e da *Peregrinação* prendem mais o interesse dos alunos, constituindo assim uma excelente proposta a da inclusão destas duas grandes obras no currículo das respectivas disciplinas e Programas Escolares.

¹⁶ Ibidem, p. 29.

¹⁷ Cristina da Costa Vieira, *A Construção da Personagem Romanesca*, Lisboa, Edições Colibri, 2008, p. 167.

1.4. Fundamentação das propostas didáticas:

A inserção das novas tecnologias na sociedade actual tem vindo a ocupar mais destaque no que concerne à aprendizagem de conteúdos e matérias escolares. Nesse âmbito, a internet tem desempenhado um papel muito importante, já que permite o acesso rápido e directo a livros, a jornais e a um sem fim de informação, o que trabalhado convenientemente pode dar origem a materiais didácticos muito interessantes aplicáveis na aula com grande êxito. O ensino das Línguas desenvolveu técnicas didácticas que contribuem para a motivação dos alunos, que ficam mais interessados na aprendizagem de outras línguas, quando lhes é dada a possibilidade de se aproximarem mais da cultura desses países. Por isso, é importante que o professor disponha de um vasto catálogo de actividades que conjuguem os objectivos fixados com o uso das novas tecnologias de informação e comunicação.

Assim, penso que as propostas didácticas que apresento neste trabalho são muito proveitosas, já que conjugam aspectos de várias naturezas, que fazem delas actividades mais completas do que se elaboradas a partir de pontos de vista unilaterais. A internet, como já foi mencionado, é um excelente meio para tirar todo o partido da informação rápida e efectiva que se nos oferece. Além disso beneficia-se na atracção que esse meio tecnológico produz para os alunos na sala de aula.

No caso dos materiais utilizados para a proposta de espanhol, incluíram-se exercícios de vários tipos (múltipla escolha; verdadeiro/falso; completar espaços; responder a perguntas...); o que, é muito aconselhável em termos metodológicos, além de facilitar a compreensão leitora, a aquisição de vocabulário ou a expressão escrita. Para conseguir tais objectivos, proponho actividades de resposta única e outras que proporcionam ao aluno uma maior liberdade de escolha. É, assim, possível conciliar aspectos que aparentemente estão afastados (literatura com internet e novas tecnologias) no ensino das línguas. Também é proposto um filme que se aproxima da realidade descrita na obra *Don Quijote de la Mancha*, bem como a análise de um poema de um autor português, António Gedeão, acerca do romance espanhol, com a finalidade de aproximar e estreitar a relação entre estas duas línguas, que, como referi anteriormente, funcionariam, neste caso, interdisciplinarmente, ou seja, em articulação uma com a outra.

No caso da proposta para a *Peregrinação*, procurou-se “ressuscitar” uma obra literária incompreensivelmente banida dos currículos escolares. Utilizaram-se assim materiais a música de Fausto, cantor e autor português de referência, o texto de Fernão

Mendes Pinto, naturalmente, fichas de interpretação, entre outros. O conteúdo central incidirá na análise de um herói que não é o herói clássico, como aquele que todos tão bem conhecemos em *Os Lusíadas*, por exemplo.

Como tarefa final, propõe-se aos alunos que, em articulação entre as disciplinas de Língua Portuguesa e Espanhola, preparem cartazes ou projecções em PowerPoint sobre a vida e obra de Fernão Mendes Pinto e Miguel de Cervantes.

Uma outra tarefa, consistirá na distribuição a grupos de alunos de vários capítulos das obras estudadas (os mais acessíveis e interessantes), para que estes os leiam e façam um resumo a apresentar ao resto da turma. Desta forma, conseguir-se-á que os alunos conheçam um número importante de passagens, ao mesmo tempo que treinarão a expressão oral.

Em síntese, é muito importante aproveitar a literatura, que está por vezes tão afastada das aulas de Línguas, e elaborar propostas didácticas de grande interesse para que não descartem os textos mais prestigiosos da língua que os alunos estão a aprender. Entende-se que o desconhecimento de certos aspectos socioculturais dificulta a compreensão das obras literárias e ainda mais se estiverem escritas numa língua que não a nativa, mas não deixa de ser uma razão para que se formulem propostas para motivar os alunos para a leitura das mesmas. Assim, o professor deve aproveitar todos os meios que tiver ao seu alcance para melhorar o seu método de ensino.

1.5. Proposta didáctica para *Don Quijote de la Mancha*

I - Objetivos

Tema:

- La literatura española:

Miguel de Cervantes : *Don Quijote de la Mancha*

Los objetivos de la clase:

- Comprender y aplicar el vocabulario de la unidad.
- Desarrollar las competencias de comprensión, expresión oral y escrita.
- Participar en diálogos relacionados sobre el tema.

Destrezas:

- Comprensión escrita
- Expresión escrita
- Comprensión auditiva/lectora
- Expresión e interacción oral

Nivel y grado de escolaridad: nivel B.1. (9º curso, nivel 3)

Contenidos funcionales	Contenidos gramaticales	Contenidos lexicales	Contenidos socioculturales	Material	Tiempo	Evaluación
<ul style="list-style-type: none"> - Asociar imágenes a ideas; - Responder a preguntas sobre el tema; - Adquirir informaciones principales en un powerpoint y en una película; - Adquirir vocabulario específico; - Ver una película de la obra estudiada; - Identificar los tiempos y modos verbales; - Manifestar su opinión; - Identificar y memorizar conceptos referentes a la literatura española. 	<ul style="list-style-type: none"> - Los tiempos y modos verbales. 	<ul style="list-style-type: none"> - La literatura. 	<ul style="list-style-type: none"> - El Don Quijote de la Mancha: El héroe pícaro. 	<ul style="list-style-type: none"> - Pizarra - Tiza - Borrador - Lápiz - Bolígrafo - Fotocopias - Fichas - vídeo Proyector - película - poemas - cap. VIII de Don Quijote de la Mancha 	<ul style="list-style-type: none"> - 90 + 45 + 90 minutos 	<ul style="list-style-type: none"> - Participación Oral; - Empeño e interés; - Lectura; - Tareas.

II - Secuenciación y organización de la clase

Clases nº 1 y 2: (90 min.)

Fecha -----2010

1 - Tras la entrada de los alumnos en el aula, la profesora empieza la clase preguntando la fecha del día y el número de la lección y pide a los alumnos que lo escriban en su cuaderno. Enseguida, la profesora escribe en la pizarra el contenido de la clase.

2010
Lecciones:
Contenido: Primera parte de la película "Don Quijote".

___Tiempo estimado: 5 min.

2 - Las dos clases se desarrollan alrededor de la película de Don Quijote. En la segunda clase, se rellena el guión de lectura.

___Tiempo estimado: 85 min + 45 min.

Material: Pizarra, tiza, cuaderno, bolígrafo, vídeo proyector, película, fichas.

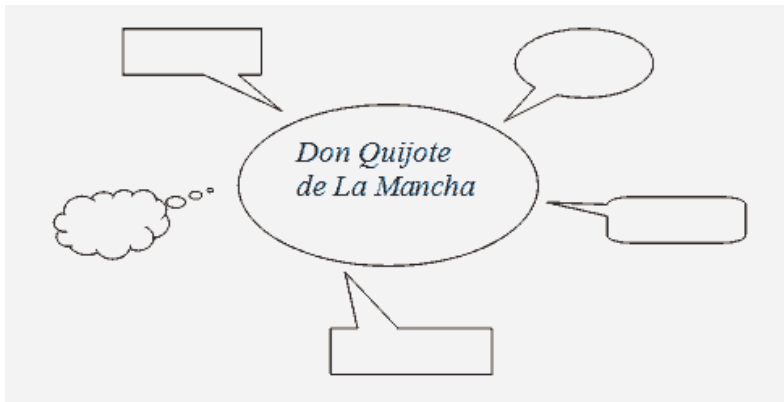
Español – 9º curso nivel 3

2009/2010

Ficha nº 1

Ahora que has visto la Película de Don Quijote de La Mancha y el powerpoint elaborado por Nilda Gutiérrez y Agustín Yagüe, contesta a las siguientes preguntas:

1) Escribe 5 palabras o ideas que asocies al *Quijote*.



2) ¿En qué año se publicó la primera parte del *Quijote*? ¿Y la segunda?

3) a) ¿En qué fecha se celebra en España el día del libro? ¿Por qué?

b) Se suele afirmar que un escritor inglés muy importante murió el mismo día que Cervantes. ¿De quién se trata? ¿Es correcto ese dato?

4) ¿Cómo caracterizas, a través de la película, física y psicológicamente a Don Quijote?

a) Don Quijote es considerado un héroe pícaro, ¿Por qué? ¿Conoces a algún héroe pícaro en la Literatura Portuguesa?

5) El nombre completo de don Quijote es don Quijote de La Mancha. ¿Qué es La Mancha? ¿Por qué se la conoce?

6) ¿Cómo empieza el *Quijote*?

Érase una vez un caballero llamado don Quijote...

Había un caballero llamado don Quijote...

En un lugar de La Mancha de cuyo nombre no quiero acordarme...

7) Marca con una X los personajes que aparecen en el *Quijote*:

Sancho Panza

Celestina

Lázaro de Tormes

Babiéca

Dulcinea

Rocinante

Amadís de Gaula

8) Completa las siguientes oraciones:

Don Quijote confunde	los molinos con...
	un rebaño de ovejas con...
	la venta con...

9) Lee el siguiente texto:

«El caballero manchego don Alonso Quijano enloquece leyendo novelas de caballerías. Pretende, con el nombre de don Quijote de la Mancha, proteger a los más débiles, luchar contra el mal y conseguir el amor de Dulcinea. Con armas absurdas, un viejo caballo (Rocinante) y acompañado por Sancho Panza (un rudo labrador a quien ha

prometido riqueza y poder a cambio de su ayuda), sale por La Mancha en busca de aventuras, pero fracasa casi siempre. Finalmente regresa a su hogar física y moralmente derrotado, en donde muere después de haberse curado de su locura».

9.1) Busca en el texto sinónimos de las siguientes palabras:

relato volver

casa fracasado

mucho dinero ridículas

fallecer brusco

trastorno mental volverse loco

9.2) Verdadero / falso. Si la oración es falsa, corrígela con las informaciones de la película:

El objetivo principal de don Quijote es enriquecerse.

Don Quijote está enamorado de Dulcinea.

Don Quijote vence siempre a sus adversarios.

A Sancho Panza le gusta mucho leer novelas de caballerías y es muy culto.

El verdadero nombre de don Quijote es Alonso Quijano.

10) ¿Por qué, al final del libro, regresa a casa don Quijote? Elige.

- Porque su sobrina ha muerto.
- Porque vence a un caballero en la playa de Valencia y quiere ofrecer esta victoria a Dulcinea.
- Porque decide quemar los libros cuya lectura le ha llevado a la locura.
- Porque es derrotado por un caballero en la playa de Barcelona, que le hace prometer que volverá a casa.

11) Inventa otro final para la novela y escríbelo en tu cuaderno (60-70 palabras).

II - Secuenciación y organización de la clase

Clases nº 3: (90 min.)

Fecha -----2010

1 - Tras la entrada de los alumnos en el aula, la profesora empieza la clase preguntando la fecha del día y el número de la lección y pide a los alumnos que lo escriban en su cuaderno. Enseguida, la profesora escribe en la pizarra el contenido de la clase.

Lección:

Contenido: Lectura y análisis de un poema de António Gedeão.

Lectura e interpretación del capítulo VIII de Don Quijote de la Mancha.

Resolución de una ficha de trabajo.

Lectura e interpretación de dos poemas.

___ **Tiempo estimado: 5 min.**

2 - Las dos clases se desarrollan alrededor de la película de Don Quijote. En la segunda clase, se rellena el guión de lectura.

___ **Tiempo estimado: 85 min + 45 min.**

Material: Pizarra, tiza, cuaderno, bolígrafo, vídeo proyector, película, fichas.

Español – 9º curso nivel 3

2009/2010

Ficha nº 2

- ✚ Ahora que ya te acuerdas sobre el significado de héroe pícaro, intenta explicar, en español, el siguiente poema de António Gedeão, autor português:

Impressão Digital

Os meus olhos são uns olhos,
e é com esses olhos uns
que eu vejo no mundo escolhos,
onde outros, com outros olhos,
não vêem escolhos nenhuns.

Quem diz escolhos, diz flores!
De tudo o mesmo se diz!
Onde uns vêem luto e dores,
uns outros descobrem cores
do mais formoso matiz.

Pelas ruas e estradas
onde passa tanta gente,
uns vêem pedras pisadas,
mas outros gnomos e fadas
num halo resplandecente!!

Inútil seguir vizinhos,
querer ser depois ou ser antes.
Cada um é seus caminhos!
Onde Sancho vê moinhos,
D.Quixote vê gigantes.

Vê moinhos? São moinhos!
Vê gigantes? São gigantes!

in "Movimento Perpétuo", 1956

Español – 9º curso nivel 3

2009/2010

Ficha nº 3

Lee con atención los fragmentos del capítulo VIII de *Don Quijote de la Mancha*:

CAPÍTULO VIII

Del buen suceso¹ que el valeroso don Quijote tuvo en la espantable y jamás imaginada aventura de los molinos de viento, con otros sucesos dignos de felice recordación

En esto, descubrieron treinta o cuarenta molinos de viento que hay en aquel campo, y así como don Quijote los vio, dijo a su escudero:

—La ventura va guiando nuestras cosas mejor de lo que acertáramos a desear; porque ves allí, amigo Sancho Panza, donde se descubren treinta o pocos más desaforados gigantes, con quien pienso hacer batalla y quitarles a todos las vidas, con cuyos despojos comenzaremos a enriquecer, que ésta es buena guerra, y es gran servicio de Dios quitar tan mala simiente de sobre la faz de la tierra.

—¿Qué gigantes? —dijo Sancho Panza.

—Aquellos que allí ves —respondió su amo—, de los brazos largos, que los suelen tener algunos de casi dos leguas.²

—Mire vuestra merced —respondió Sancho— que aquellos que allí se parecen no son gigantes, sino molinos de viento, y lo que en ellos parecen brazos son las aspas, que, volteadas del viento, hacen andar la piedra del molino.

—Bien parece —respondió don Quijote— que no estás cursado en esto de las aventuras: ellos son gigantes; y si tienes miedo quítate de ahí, y ponte en oración en el espacio que yo voy a entrar con ellos en fiera y desigual batalla.

Y, diciendo esto, dio de espuelas a su caballo Rocinante, sin atender a las voces que su escudero Sancho le daba, advirtiéndole que sin duda alguna eran molinos de viento, y no gigantes, aquellos que iba a acometer. Pero él iba tan puesto en que eran gigantes, que ni oía las voces de su escudero Sancho, ni echaba de ver, aunque estaba ya bien cerca, lo que eran, antes iba diciendo en voces altas:

—Non fuyades, cobardes y viles criaturas, que un solo caballero es el que os acomete.

1. 'Del éxito'. 2. La *legua* equivale aproximadamente a cinco quilómetros y medio.

Levantose en esto un poco de viento, y las grandes aspas comenzaron a moverse, lo cual visto por don Quijote, dijo:

—Pues aunque mováis más brazos que los del gigante Briareo,³ me lo habéis de pagar.

Y en diciendo esto, y encomendándose de todo corazón a su señora Dulcinea, pidiéndole que en tal trance le socorriese, bien cubierto de su rodela, con la lanza en el ristre,⁴ arremetió a todo el galope de Rocinante y embistió con el primero molino que estaba delante; y dándole una lanzada en el aspa, la volvió el viento con tanta furia, que hizo la lanza pedazos, llevándose tras sí al caballo y al caballero, que fue rodando muy maltrecho por el campo. Acudió Sancho Panza a socorrerle, a todo el correr de su asno, y cuando llegó halló que no se podía menear: tal fue el golpe que dio con él Rocinante.

—¡Válame Dios! —dijo Sancho—. ¿No le dije yo a vuestra merced que mirase bien lo que hacía, que no eran sino molinos de viento, y no lo podía ignorar sino quien llevase otros tales en la cabeza?

—Calla, amigo Sancho —respondió don Quijote—, que las cosas de la guerra más que otras están sujetas a continua mudanza; cuanto más, que yo pienso, y es así verdad, que aquel sabio Frestón que me robó el aposento y los libros ha vuelto estos gigantes en molinos, por quitarme la gloria de su vencimiento: tal es la enemistad que me tiene; mas al cabo al cabo⁵ han de poder poco sus malas artes contra la bondad de mi espada.

—Dios lo haga como puede —respondió Sancho Panza.

Y, ayudándole a levantar, tornó a subir sobre Rocinante, que medio despaldado estaba.⁶ Y, hablando en⁷ la pasada aventura, siguieron el camino del Puerto Lápice, porque allí decía don Quijote que no era posible dejar de hallarse muchas y diversas aventuras, por ser lugar muy pasajero;⁸ sino que iba muy pesadoso, por haberle faltado la lanza; y diciéndoselo a su escudero, le dijo:

—No fuyades, cobardes y viles criaturas, que un solo cabe-

3. Hijo de Urano y Gea y hermano de los Titanes, tenía cincuenta cabezas y cien brazos. 4. 'preparada para el ataque'; *ristre*: 'soporte en el peto de la coraza, que permite mantener la lanza fija'. 5. 'al final de todo'. 6. 'tenía la paletilla medio descoyuntada'. El episodio más célebre y más representativo del *Quijote* es también el narrado con mayor brevedad. 7. 'hablando de'. 8. 'con mucho tránsito'.

Español – 9º curso nivel 3

2009/2010

Ficha nº 4

- ❖ Lee ahora estos dos poemas e identifica (subraya) las características de los personajes de Don Quijote de la Mancha.

LETANÍAS DE NUESTRO SEÑOR DON QUIJOTE - RUBÉN DARÍO

Rey de los hidalgos, señor de los tristes,
 que de fuerza alientas y de ensueños vistes,
 coronado de áureo yelmo de ilusión;
 que nadie ha podido vencer todavía,
 por la adarga al brazo, toda fantasía,
 y la lanza en ristre, toda corazón.
 Noble peregrino de los peregrinos,
 que santificaste todos los caminos
 con el paso augusto de tu heroicidad,
 contra las certezas, contra las conciencias
 y contra las leyes y contra las ciencias,
 contra la mentira, contra la verdad...
 ¡Caballero errante de los caballeros,
 varón de varones, príncipe de fieros,
 par entre los pares, maestro, salud!
 ¡Salud, porque juzgo que hoy muy poca tienes,
 entre los aplausos o entre los desdenes,
 y entre las coronas y los parabienes
 y las tonterías de la multitud!
 ¡Tú, para quien pocas fueron las victorias
 antiguas y para quien clásicas glorias
 serían apenas de ley y razón,
 soportas elogios, memorias, discursos,
 resistes certámenes, tarjetas, concursos,
 y, teniendo a Orfeo, tienes a orfeón!
 Escucha, divino Rolando del sueño,
 a un enamorado de tu Clavileño,
 y cuyo Pegaso relincha hacia ti;
 escucha los versos de estas letanías,
 hechas con las cosas de todos los días
 y con otras que en lo misterioso vi.
 ¡Ruega por nosotros, hambrientos de vida,
 con el alma a tientas, con la fe perdida,
 llenos de congojas y faltos de sol,
 por advenedizas almas de manga ancha,
 que ridiculizan el ser de la Mancha,
 el ser generoso y el ser español!

¡Ruega por nosotros, que necesitamos
 las mágicas rosas, los sublimes ramos
 de laurel Pro nobis ora, gran señor.
 ¡Tiembra la floresta de laurel del mundo,
 y antes que tu hermano vago, Segismundo,
 el pálido Hamlet te ofrece una flor!
 Ruega generoso, piadoso, orgulloso;
 ruega casto, puro, celeste, animoso;
 por nos intercede, suplica por nos,
 pues casi ya estamos sin savia, sin brote,
 sin alma, sin vida, sin luz, sin Quijote,
 sin piel y sin alas, sin Sancho y sin Dios.
 De tantas tristezas, de dolores tantos
 de los superhombres de Nietzsche, de cantos
 áfonos, recetas que firma un doctor,
 de las epidemias, de horribles blasfemias
 de las Academias,
 ¡libranos, Señor!
 De rudos malsines,
 falsos paladines,
 y espíritus finos y blandos y ruines,
 del hampa que sacia
 su canallocracia
 con burlar la gloria, la vida, el honor,
 del puñal con gracia,
 ¡libranos, Señor!
 Noble peregrino de los peregrinos,
 que santificaste todos los caminos,
 con el paso augusto de tu heroicidad,
 contra las certezas, contra las conciencias
 y contra las leyes y contra las ciencias,
 contra la mentira, contra la verdad...
 ¡Ora por nosotros, señor de los tristes
 que de fuerza alientas y de ensueños vistes,
 coronado de áureo yelmo de ilusión!
 ¡Que nadie ha podido vencer todavía,
 por la adarga al brazo, toda fantasía,
 y la lanza en ristre, toda corazón!

A SANCHO PANZA - GABRIEL CELAYA

Sancho-bueno, Sancho-arcilla, Sancho-pueblo,
tu lealtad se supone,
tu aguante parece fácil,
tu valor tan obligado como en la Mancha lo eterno.
Sancho-vulgar, Sancho-hermano,
Sancho, raigón de mi patria que aún con dolores perduras,
y, entre cínico y sagrado, pones tu pecho a los hechos,
buena cara a malos tiempos.

Sancho que damos por nada,
mas presupones milenios de humildad bien aceptada,
no eres historia, te tengo
como se tiene la tierra patria y patria macerada.

Sancho-vulgo, Sancho-nadie, Sancho-santo,
Sancho de pan y cebolla,
trabajado por los siglos de los siglos, cotidiano,
vivo y muerto, soterrado.

Se sabe sin apreciarlo que eres quien es, siempre el mismo,
Sancho-pueblo, Sancho-ibero,
Sancho entero y verdadero,
Sancho de España es más ancha que sus mil años y un cuento.

Vivimos como vivimos porque tenemos aún tripas,
Sancho Panza, Sancho terco.
Vivimos de tus trabajos, de tus hambres y sudores,
de la constancia del pueblo, de los humildes motores.

Sancho de tú te la llevas,
mansa sustancia sin mancha,
Sancho-Charlot que edificas como un Dios a bofetadas,
Sancho que todo lo aguantas.

Sancho con santa paciencia,
Sancho con buenas alforjas,
que en el último momento nos das, y es un sacramento,
el pan, el vino y el queso.

Pueblo callado, soporte
de los fuegos de artificio que con soberbia explotamos,
Sancho-santo, Sancho-tierra, Sancho-ibero,
Sancho-Rucio y Rucio-Sancho que has cargado con los fardos.

[...]

1.6. Proposta didáctica para *A Peregrinação*

COMPETÊNCIAS GERAIS PARA LÍNGUA PORTUGUESA – 9º ANO

Ouvir / Falar

- Expressar-se oralmente de forma desbloqueada e autónoma, em função de objectivos comunicativos diversificados
- Comunicar oralmente tendo em conta a oportunidade, o tempo disponível e a situação.
- Compreender enunciados orais nas suas implicações linguísticas e paralinguísticas.
- Apreender criticamente o significado e a intencionalidade de mensagens veiculadas em discursos variados,
- Desenvolver o gosto pela preservação e recriação do património literário oral.
- Alargar a competência comunicativa pela confrontação de variações linguísticas regionais ou sociais com formas padronizadas da língua.

Ler

- Aprofundar o gosto pessoal pela leitura.
- Contactar com textos de géneros e temas variados, da literatura nacional e universal.
- Desenvolver a competência de leitura:
 - . Interagir com o universo textual, a partir da sua experiência e conhecimento do mundo e da sua competência linguística;
 - . Apropriar-se de estratégias para a construção de sentidos.
- Expressar as reacções subjectivas de leitor nos actos de recitar, recriar ou dramatizar.
- Interpretar linguagens de natureza icónica e simbólica.
- Apreender criticamente o significado e a intencionalidade de mensagens em discursos variados.
- Desenvolver métodos e técnicas de trabalho que contribuam para a construção das aprendizagens, com recurso eventual a novas tecnologias.

Escrever

- Experimentar percursos pedagógicos que proporcionem o prazer da escrita.
- Aprofundar a prática da escrita como meio de desenvolver a compreensão na leitura.
- Promover a divulgação dos escritos como meio de os enriquecer e de encontrar sentidos para a sua produção.
- Produzir textos que revelem a tomada de consciência de diferentes modelos de escrita.
- Aperfeiçoar a competência de escrita pela utilização de técnicas de auto e de heterocorreção.
- Alargar a competência comunicativa pela confrontação de variações linguísticas regionais ou sociais com formas padronizadas da língua.

Funcionamento da Língua

- Descobrir aspectos fundamentais da estrutura e do funcionamento da língua, a partir de situações de uso.
- Apropriar-se, pela reflexão e pelo treino, de conhecimentos gramaticais que facilitem a compreensão do funcionamento dos discursos e o aperfeiçoamento da expressão pessoal.

ACTIVIDADES / ESTRATÉGIAS

- Saudação aos alunos. Registo do sumário no quadro:

«Audição da canção “A nau de António de Faria”.

Leitura e interpretação do capítulo XXXVII da *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto.»

- **Motivação/introdução ao tema:**

a) Audição de “A nau de António Faria”, de José Afonso.

a) Pós – audição (mobilização dos alunos para a formularem hipóteses sobre o que ouviram).

Distribuição da letra da canção (**ficha nº1**);

- Registo no caderno, com a ajuda do dicionário, de termos sublinhados no texto (resolução da ficha de trabalho nº1);

- Distribuição da ficha nº2:

a) Leitura silenciosa;

b) Leitura expressiva do texto;

c) Interpretação do texto (tema, estrutura, personagens) – Ficha de trabalho (**ficha nº3**);

d) Identificação dos verbos no pretérito perfeito;

- Exposição e diálogo sobre a importância do herói pícaro nesta obra, fazendo a ponte com o herói em *Don Quijote de la Mancha*.

Língua Portuguesa – 9º ano

Ano lectivo: 2009/2010

Ficha nº 1

1. *Aqui tens a letra da canção que acabaste de ouvir:*

*A Nau de António Faria
(José Afonso in Agora e Sempre)*

*Vai-se a vida e vem a morte
o mal que a todos domina
Reina o comércio da China
às cavalitas da sorte*

*Dinheiro seja louvado
A cruz de Cristo nas velas
Soprou o diabo nelas
deu à costa um afogado*

*A guerra é coisa ligeira
tudo vem do mal de ofício
Não pode haver desperdício
nesta vida de canseira*

*Demanda o porto corsário
no caminho faz aguada
Ali findou seu fadário
morreu de morte matada*

*A nau de António Faria
Leva no bojo escondida
A cabeça de uma corsário
que lhes quis tirar a vida*

*Aljofre pérola rama
eis os pecados do mundo
Assim vai a nau ao fundo
Sem arte a honra e a fama*

*Entre cristãos e gentios
Em gritos e altos brados
Para ganhar uns cruzados
Lançam-se mil aos rios*

*Em vindo de veniaqa
com a vela solta ao vento
Um mouro é posto a tormento
por não dizer quem lhe paga*

*Vou-me à costa à outra banda
já vejo o rio amarelo
Foi no tempo do farelo
agora é o rei quem manda*

*Faz-te à vela marinheiro
rumo ao reino de Sião
Antes do fim de Janeiro
hás-de ser meu capitão.*

2. *Com a ajuda do dicionário, procura e escreve no teu caderno diário as definições das palavras sublinhadas.*

3. Consegues agora explicar as seguintes expressões?

a) *“Reina o comércio da China / às cavalitas da sorte”*

b) *“no caminho faz aguada”*

c) *“morreu de morte matada”*

d) *“que lhes quis tirar a vida”*

e) *“Vou-me à costa à outra banda / já vejo o rio amarelo / Foi no tempo do farelo / agora é o rei quem manda”*

f) *“Faz-te à vela marinho”*

Língua Portuguesa 9º ano

Ano lectivo: 2009/2010

Ficha nº 2

LÊ agora o seguinte capítulo da *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto. Sublinha as palavras que não compreendes.

CAPÍTULO XXXVII

Do que passámos os três companheiros depois que nos metemos pelo mato dentro

Os três companheiros que escapámos daquela desventura, vendo-nos assim feridos, e sem remédio nenhum, nos pusemos todos a chorar, e darmos muitas bofetadas em nós, como homens desassisados, e pasmados do que tínhamos visto havia menos de meia hora, e desta maneira passámos aquele triste dia. E vendo que a terra ali era alagadiça, e cheia de muitos lagartos e cobras, houvemos que o melhor conselho era deixarmos ali ficar também aquela noite, a qual passámos atolados na vasa até aos peitos, e ao outro dia, sendo já manhã clara nos fomos ao longo do rio até um esteiro pequeno, que nos não atrevemos a passar, assim por ser muito fundo, como pela grande soma de lagartos que nele vimos: e ali passámos também a noite com assaz de trabalho, no qual continuámos mais cinco dias, sem podermos ir atrás nem adiante, por ser tudo apaulado, e cheio de grandes ervaçais, e neste tempo nos faleceu um dos companheiros, por nome Bastião Henriques, homem muito honrado e rico, e que na lanchara perdera oito mil cruzados.

Os outros dois que ficámos somente, que éramos Cristóvão Borralho e eu, nos pusemos a chorar à borda do rio em cima do morto mal enterrado, e já neste tempo tão fracos que nem falar podíamos, e com determinação de acabarmos ali essas poucas horas que cuidávamos que nos ficavam de vida.

Ao outro dia, que era o sétimo de nossa desventura, já quase sol-posto, vimos vir a remo pelo rio acima uma barcaça carregada de sal, e perlongando de junto de nós, pedimos de joelhos aos remeiros que nos quisessem tomar; eles, quando nos viram, pararam um pouco, com os olhos postos em nós, como espantados de nos verem da maneira que estávamos em joelhos, e com as mãos levantadas, como quem fazia oração, e sem nos responderem fizeram mostra de quererem seguir seu caminho, a que

ambos gritando em altas vozes, tornámos a pedir com muitas lágrimas que nos não deixassem ali morrer.

Ao tom destes nossos brados saiu de debaixo do toldo uma mulher já de dias, que no aspeito e na gravidade de sua pessoa mostrava bem ser quem depois soubemos que era, a qual em nos vendo da maneira que estávamos, como quem se apiedava de nós, e se condoía de nossa desventura, e das feridas que lhe mostrámos, tomando um pau na mão, fez chegar a barça a terra, e por três ou quatro vezes deu nos marinheiros com ele, porque recusavam. E saltando seis deles em terra nos tomaram às costas, e nos meteram dentro.

Esta honrada mulher, em nos vendo assim feridos e com as camisas e calções envoltos em lama e em sangue, nos mandou logo lavar com muitos baldes de água, e dar a cada um seu pano com que por então nos cobrimos, e fazendo-nos assentar junto de si, nos mandou trazer de comer, e ela mesma no-lo pôs diante por sua mão, e nos disse: «Comei vós outros, pobres estrangeiros, e não vos desconsoléis por vos verdes dessa maneira; porque aqui estou eu, que sou mulher e não tão velha que passe de cinquenta anos, e há menos de seis que me vi cativa e roubada de mais de cem mil cruzados que tinha de meu, e com três filhos mortos, e um marido a quem queria mais que aos olhos com que o via, e todos assim pai como filhos, e dois irmãos, e um genro vi despedaçados nas trombas dos elefantes de el-rei de Sião, e com vida cansada e triste coei todos estes males e desgostos, e outros quase tamanhos, quais foram ver pela mesma maneira três filhas donzelas, e minha mãe, e meu pai, e trinta e dois parentes meus sobrinhos e primos, metidos em fornos acesos, dando tamanhos gritos que rompiam o céu, para que Deus os valesse naquele tormento tão insofrível; mas foram meus pecados tamanhos que cerraram as orelhas à clemência infinita do Senhor de todos os senhores, para que não ouvisse esta petição que a mim parecia ser justa, mas na verdade o que Ele ordena isso é o melhor.»

A isto lhe respondemos nós que por pecados nossos permitira Deus vermo-nos daquela maneira; a que ela, também com muitas lágrimas, que lhe não faltavam então assim como a nós, disse: «Bom é sempre em vossas adversidades justificardes os toques da mão do Senhor, porque nessa verdade, confessada de boca e crida de coração com constância firme e limpa, está muitas vezes o prémio de nossos trabalhos.»

E discorrendo assim por sua prática, nos perguntou pela causa da nossa desventura, e de que maneira viéramos ter àquele miserável estado.

Nós lhe contámos então tudo o como passara, mas que não conhecêramos que gente era a que nos fizera aquilo, nem sabíamos a razão por que no-lo fizera. A isto responderam os seus, que aquele junco grande que dizíamos era de um mouro guzarate por nome Coja Acém, que naquela manhã saíra do rio, e que ia carregado de brasil para a ilha de Ainão.

A honrada dona, batendo então nos peitos, por sinal de grande espanto, disse: «Que me matem, se assim não é, porque esse mouro, que vós outros dizeis, se gabava publicamente a quem o queria ouvir que da geração destes homens de Malaca tinha mortos por algumas vezes uma grande soma, e que lhe queria tamanho mal, que tinha prometido ao seu Mafamede de matar ainda outros tantos.»

Nós, espantados de uma cousa tão nova, lhe respondemos que lhe pedíamos que nos dissesse que homem era aquele, ou porque dizia que nos queria tamanho mal; a que ela disse que do porquê não sabia mais que dizer ele, que um nosso grande capitão por nome Heitor da Silveira, lhe matara seu pai, e dois irmãos, em uma nau que lhe tomara no estreito de Meca, vindo de Judá para Dabul. E por todo o caminho nos foi contando outras muitas particularidades do grande ódio que nos tinha aquele mouro, e do que em nosso vitupério contava de nós.

.....

.....

Peregrinação, Fernão Mendes Pinto, Público, RBA editores, 1996, 72-74

1. Responde às seguintes questões sobre o texto:

a) Quem são as personagens intervenientes no capítulo apresentado?

Classifica e caracteriza a ou as principais.

b) Consegues identificar o tempo e o espaço da acção?

c) Como dizia a música de José Afonso, o corsário António Faria, é o herói da *Peregrinação*. Achas que é um herói diferente? Porquê?

d) O que é um herói clássico? Dá um exemplo.

e) Identificas-te com este herói? Porquê?

f) Identifica todos os verbos que encontres no pretérito perfeito do indicativo, presentes no segundo, terceiro e quarto parágrafos.

g) Faz um breve resumo deste capítulo.
